



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

**Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade**  
<http://www.cecs.uminho.pt>

---

## **Estereótipos sociais e assimetria simbólica: três estudos com jovens angolanos e portugueses\***

---

**Rosa Cabecinhas**

Professora Auxiliar

[cabecinhas@ics.uminho.pt](mailto:cabecinhas@ics.uminho.pt)

**Lígia Amâncio**

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da  
Empresa  
(ISCTE)

Universidade do Minho  
*Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade*  
Campus de Gualtar  
4710-057 Braga  
Portugal

---

\*CABECINHAS, R. & AMÂNCIO, L. (2004). *Estereótipos sociais e assimetria simbólica: três estudos com jovens angolanos e portugueses*. Actas do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 16-18 de Setembro

## Estereótipos sociais e assimetria simbólica: três estudos com jovens angolanos e portugueses<sup>2</sup>

### Resumo:

Foram realizados três estudos tendo por objectivo analisar os estereótipos dos jovens portugueses e dos jovens angolanos residentes em Portugal, sobre o seu próprio grupo (auto-estereótipo) e sobre o grupo dos outros (hetero-estereótipo).

No Estudo 1, recorrendo a uma técnica de associação livre de palavras, analisámos os estereótipos dos *angolanos* e dos *portugueses*, salientando quais as dimensões comuns e quais as dimensões diferenciadoras. No Estudo 2, recorrendo a uma lista de adjectivos elaborada com base nos resultados do estudo precedente, averiguámos a valência avaliativa dos conteúdos descritivos associados a cada grupo, a partir da simples opinião pessoal de cada participante. No Estudo 3, recorrendo à mesma lista de adjectivos, analisámos a distância destes conteúdos face ao referente ‘universal’ de pessoa adulta.

Os resultados destes três estudos demonstram que a diferenciação entre os grupos se estabelece estruturalmente pela assimetria simbólica. O grupo dos ‘angolanos’ foi descrito de forma mais homogénea do que o grupo dos ‘portugueses’, tanto por participantes angolanos como portugueses, isto é, o estereótipo dos angolanos é mais marcado e mais consensual do que o estereótipo dos portugueses. De um modo geral, o estereótipo dos angolanos aproxima-se do modelo de pessoa ‘jovem’ enquanto que o estereótipo dos portugueses está mais próximo do modelo de pessoa ‘adulta’, isto é, pessoa autónoma, com capacidade de realização e de decisão.

---

<sup>2</sup> Esta investigação foi facilitada pela atribuição de uma bolsa pela Fundação Calouste Gulbenkian.

## Introdução

A maior parte da pesquisa sobre estereótipos sociais tem sistematicamente privilegiado a perspectiva do grupo dominante, ignorando a perspectiva dos grupos minoritários, alvos de discriminação. Nesta investigação tentámos ultrapassar essa limitação, realizando três estudos em que participaram tanto membros do grupo maioritário - os *portugueses* - como membros de um grupo minoritário - os *angolanos*. A escolha dos angolanos deveu-se ao facto de este ser o segundo maior grupo de origem africana em termos numéricos em Portugal e constituir um grupo de imigração mais recente e menos estudo do que os cabo-verdianos (primeiro grupo em termos numéricos e com várias gerações em Portugal; Saint-Maurice, 1997).

Na nossa perspectiva, os estereótipos sociais são representações subjectivas e socialmente partilhadas, sobre as características e os comportamentos de grupos humanos, estratificados segundo critérios socialmente valorizados, e traduzindo uma determinada ordem nas relações intergrupais (Cabecinhas, 2002; Tajfel, 1981/1983).

Nesta comunicação apresentamos três estudos em que participaram estudantes portugueses e estudantes angolanos residentes em Portugal, com o objectivo de analisar os estereótipos dos jovens sobre o seu próprio grupo (auto-estereótipo) e sobre o grupo dos outros (hetero-estereótipo).

A metodologia adoptada na recolha e no tratamento dos dados diferiu em alguns aspectos fundamentais da tradição anglo-saxónica nos estudos sobre estereótipos relativos a *grupos étnicos*. Por um lado, uma vez que se tratou de analisar tanto as percepções do grupo maioritário como as percepções de um grupo minoritário, os dados foram recolhidos junto de participantes de ambos os grupos: angolanos e portugueses. Por outro lado, pretendíamos identificar as dimensões caracterizadoras e diferenciadoras dos estereótipos através da interpretação dos conteúdos fornecidos pelos próprios participantes. Finalmente, a inexistência de estudos anteriores sobre os estereótipos mútuos destes dois grupos não permitia o recurso a uma lista de adjectivos previamente definida, sob pena de vir a induzir os conteúdos que se procuravam. Outro aspecto a salientar é o facto de termos escolhido grupos com o mesmo grau de generalidade – *angolanos* e *portugueses* – o que nos permite comparar o grau de homogeneidade dos conteúdos associados a cada um dos grupos. Tal aspecto tem sido frequentemente negligenciado na investigação sobre estereótipos sociais. Foi precisamente este problema de ordem metodológica que quisemos contornar debruçamo-nos

sobre um grupo africano específico – os *angolanos* –, e não sobre os *africanos* ou os *negros* em geral.

No Estudo 1 os participantes forneceram livremente os conteúdos descritivos de ambos os grupos. Com base nas características mais mencionadas para descrever os dois grupos-alvo, foi elaborada uma lista de adjetivos que foi posteriormente apresentada aos participantes do Estudo 2 e do Estudo 3. No Estudo 2 foi pedido aos participantes para classificarem, de forma independente (recorrendo a duas escalas separadas), em que medida cada um dos traços da referida lista era típico dos angolanos e dos portugueses, e também para avaliarem cada traço tendo em conta a sua opinião pessoal. No Estudo 3 foi pedido aos participantes para classificarem, de forma interdependente (recorrendo a uma só escala), em que medida cada um dos traços era típico dos angolanos ou dos portugueses, e também para avaliarem cada traço tendo como referente o modelo de pessoa adulta na sociedade portuguesa, seguindo o procedimento adoptado por Amâncio (1989).

A nossa hipótese é de que numa época em que o racismo é claramente anti-normativo (e.g., Vala, 1999), os conteúdos associados a ambos os grupos sejam predominantemente positivos. Assim, esperamos que a maior diferenciação entre os grupos não se opere ao nível da valência avaliativa dos conteúdos associados a cada grupo, mas ao nível das dimensões subjacentes a esses conteúdos. Esperamos que os conteúdos associados aos angolanos sejam predominantemente ligados à expressividade, ao exotismo, e à juventude, enquanto que os conteúdos associados aos portugueses sejam fundamentalmente ligados à instrumentalidade e à imagem de adulto.

Esperamos ainda que o estereótipo dos portugueses se aproxime mais do modelo ‘universal’ de pessoa adulta enquanto que o estereótipo dos angolanos se aproximará do modelo de pessoa jovem. Mas, numa época em que existe uma clara valorização social dos traços ‘exóticos’ e ‘juvenis’, e sendo os participantes nestes estudos jovens, é provável que o estereótipo dos angolanos seja avaliado mais positivamente do que o estereótipo dos portugueses, especialmente quando essa avaliação é feita tendo em conta a opinião pessoal. No entanto, quando a avaliação dos traços é efectuada tendo em conta o estereótipo de adulto na nossa sociedade, esperamos que o estereótipo dos portugueses seja avaliado mais positivamente.

Por último, tendo em conta os grupos dominantes tendem a ser percebidos como mais heterogéneos do que os grupos dominados (e.g., Cabecinhas e Amâncio, 1999; Lorenzi-Cioldi, 1988), esperamos verificar uma maior heterogeneidade na representação do grupo dos *portugueses* do que na representação do grupo dos *angolanos*.

## Estudo 1: Conteúdos dos estereótipos

O primeiro estudo teve por objectivo analisar os conteúdos dos estereótipos dos jovens portugueses e dos angolanos a residir em Portugal sobre o seu próprio grupo e sobre o grupo dos outros. Especificamente, analisámos os conteúdos dos estereótipos dos *angolanos* e dos *portugueses*, averiguámos o nível de diversidade dos conteúdos associados a cada grupo e o nível de consenso entre os grupos relativamente a esses conteúdos.

Participaram neste estudo 31 estudantes angolanos (10 rapazes e 21 raparigas) e 31 estudantes portugueses (12 rapazes e 19 raparigas), com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos (idade média = 22 anos).

A técnica utilizada para a recolha de dados foi a associação livre de palavras. Os estudantes foram convidados a participar num estudo sobre percepção social. A investigadora distribuía a cada participante uma folha em branco e fornecia as seguintes instruções: “Qualquer grupo pode ser descrito em termos das suas características típicas. Gostaríamos que nos desse a sua opinião sobre quais são as características típicas dos [*angolanos/portugueses*]. De preferência, exprima a sua opinião em termos de adjectivos, de modo a completar a frase seguinte: “Os [*angolanos/portugueses*] são...”. Quando os participantes terminavam a descrição do primeiro grupo-alvo, a investigadora pedia-lhes para voltarem a folha de costas e efectuarem a descrição do segundo grupo-alvo. A ordem dos grupos-alvo foi contrabalançada: aproximadamente metade dos participantes começou por descrever os *angolanos* e a outra metade começou pelos *portugueses*. No final, eram solicitados dados pessoais: sexo, idade, nacionalidade e naturalidade.

As palavras referidas livremente pelos participantes foram submetidas a alguns agrupamentos na base estrita da raiz etimológica e todos os verbos e substantivos foram integrados numa forma adjectiva do masculino plural, seguindo o procedimento adoptado por Amâncio (1989: 228). Com este procedimento obtivemos um total de 320 palavras diferentes. Seguidamente, para cada grupo de participantes, procedemos à listagem das palavras associadas a cada grupo-alvo, acompanhadas das respectivas frequências de ocorrência, o que deu origem a quatro dicionários: descrição dos angolanos efectuada por participantes angolanos (Aang); descrição dos angolanos efectuada por participantes portugueses (Pang); descrição dos portugueses efectuada por participantes angolanos (Apor); e descrição dos portugueses efectuada por participantes portugueses (Ppor).

Procedemos igualmente à listagem das palavras associadas a cada grupo-alvo, acompanhadas das respectivas frequências de ocorrência, independentemente do grupo dos participantes, o que deu origem a dois dicionários: descrição dos angolanos efectuada pela totalidade dos participantes (Tang); e descrição dos portugueses efectuada pela totalidade dos participantes (Tpor). Dentro de cada dicionário foram eliminadas todas as palavras cuja frequência de ocorrência fosse inferior a dois.

Foi calculado um *índice de homogeneidade* para cada um dos seis dicionários e procedeu-se a uma *análise de conteúdo* dos mesmos. O vocabulário retido nos diversos dicionários foi analisado tendo em conta os grandes eixos estruturadores encontrados noutros estudos sobre estereótipos em que estão envolvidas assimetrias de estatuto: expressividade vs. instrumentalidade; dominância vs. submissão; sociabilidade positiva vs. sociabilidade negativa (Amâncio, 1989).

A Tabela 1 apresenta os indicadores relativos ao vocabulário *retido* em cada dicionário. Como podemos constatar, os dois dicionários mais heterogéneos dizem respeito às descrições fornecidas pelos participantes portugueses (Ppor e Pang) e os dois dicionários mais homogéneos correspondem às descrições fornecidas pelos participantes angolanos (Aang e Apor). Verifica-se também uma diferenciação em função do grupo-alvo: os dicionários respeitantes às descrições dos *angolanos* (Aang e Pang) são mais homogéneos do que os dicionários referentes às descrições dos *portugueses* (Apor e Ppor). Assim, verificam-se dois efeitos, um relativo ao grupo dos participantes e o outro relativo ao grupo-alvo, que combinados se traduzem numa maior heterogeneidade do grupo dos *portugueses* relativamente ao grupo *angolanos*.

**Tabela 1 - Indicadores relativos ao vocabulário retido nos seis dicionários**

Dicionários	Aang	Pang	Apor	Ppor	Pang	Tpor
<b>Associações</b>	37	42	42	42	73	83
<b>Ocorrências</b>	161	149	171	140	347	337
<b>Homogeneidade</b>	0.23	0.28	0.25	0.30	0.21	0.25

*Nota:* Associações=total de palavras diferentes; Ocorrências=total de palavras, incluindo frequências.

*Índice de homogeneidade*=(Associações/Ocorrências). Varia entre 0 e 1, sendo 0 o máximo de homogeneidade.

Na análise de conteúdo dos dicionários averiguámos quais os traços considerados específicos de cada um dos grupos-alvo e quais os traços comuns a ambos os grupos. Do vocabulário retido, 47 traços foram atribuídos exclusivamente ao grupo dos *angolanos*. A Tabela 2, devido a limitações de espaço, apresenta apenas os traços referidos por três ou mais

peçoas. Como podemos constatar, apenas 19 traços são referidos por participantes de ambos os grupos (Aang e Pang).

Tal como esperávamos, os traços associados aos *angolanos* são predominantemente ligados à expressividade (*alegres, bem dispostos, calorosos, espontâneos*, etc.) e ao exotismo (*bons cantores, dançam bem, música mexida, ritmo, roupas coloridas*, etc.). Embora menos frequentes, verificam-se várias referências a traços de instrumentalidade negativa (*despreocupados, ignorantes, incultos*, etc.) assim como a traços de submissão (*passivos, acomodados*).

De destacar, ainda, as referências ao conflito e à luta (*conflituosos, corajosos, lutadores*) e à solidariedade grupal (*camaradagem, companheiros, unidos*). Estas referências remetem claramente para a representação de um grupo dominado que, sentindo-se em posição desfavorável e ameaçado pelo exterior, reforça a solidariedade e coesão internas. A posição desfavorável deste grupo é também patente em algumas referências directas à precariedade da sua situação económica e social (*discriminados, pobres, sofredores*). Por último, as referências à cor da pele como marca exterior da pertença grupal são referidas maioritariamente pelos participantes portugueses (*pele escura, negros*).

**Tabela 2 - Traços considerados exclusivos do grupo dos angolanos**

Traços exclusivos dos angolanos	Aang	Pang	Tang
Alegres	14	6	20
Pele escura	3	7	10
Dançam bem	1	8	9
Pobres		9	9
Incultos	2	5	7
Bons cantores	1	4	5
Música mexida	3	2	5
Bem dispostos	1	3	4
Espírito de família	2	2	4
Lutadores	2	2	4
Nacionalistas	2	2	4
Negros	1	3	4
Ritmo		4	4
Acomodados	1	2	3
Camaradagem	3		3
Companheiros	1	2	3
Corajosos	2	1	3
Cultos		3	3
Generosos	2	1	3
Leais		3	3
Música rap		3	3
Persistentes	1	2	3
Prepotentes	3		3
Roupas coloridas	1	2	3
Sofredores	2	1	3
Unidos		3	3

Em contrapartida, 57 traços (Tpor) foram atribuídos exclusivamente aos *portugueses*. Devido a limitações de espaço, a Tabela 3 apresenta apenas os traços referidos por três ou mais pessoas. Como podemos constatar, apenas 11 traços são referidos por participantes de ambos os grupos (Apor e Ppor). Estes resultados apontam claramente para um menor consenso na representação dos *portugueses* (11 traços) do que no grupo dos *angolanos* (19 traços) e, simultaneamente, para uma maior heterogeneidade na representação dos *portugueses* (57 traços) do que na representação dos *angolanos* (47 traços). Tal heterogeneidade está patente na diversidade dos traços considerados exclusivos dos portugueses, sendo referida explicitamente por três participantes (*heterogéneos*). Outros traços, não fazendo referência explícita à heterogeneidade, remetem para uma certa idiossincrasia e originalidade dos portugueses (*criativos, críticos, imaginativos*).

Tal como esperávamos, os conteúdos associados ao grupo dos portugueses são predominantemente ligados à instrumentalidade positiva (*determinados, dinâmicos, empreendedores*), à dominância e à discriminação (*autoritários, exploradores, preconceituosos*). Contrariamente às nossas expectativas, são frequentes as referências à sociabilidade negativa, sobretudo da parte dos participantes angolanos (*antipáticos, arrogantes, cínicos, desunidos, egoístas, fechados, frios, hipócritas, individualistas*). As referências ao conservadorismo (*antiquados, conservadores*) e ao materialismo (*avarentos, gananciosos, materialistas*) também não são de descurar. De salientar que as referências à cor da pele são mais frequentes para caracterizar os angolanos (*pele escura, negros*) do que para caracterizar os portugueses (*pele clara, brancos*).

**Tabela 3 - Traços considerados exclusivos do grupo dos portugueses**

Traços exclusivos dos portugueses	Apor	Ppor	Tpor
Conservadores	5	9	14
Desportivos	9	3	12
Introvertidos	7	1	8
Reservados	6	1	7
Cínicos	6		6
Egoístas	4	1	5
Pele clara	1	4	5
Desunidos	4		4
Futebol	1	3	4
Hipócritas	4		4
Pessimistas	2	2	4
Saudosistas	1	3	4
Antipáticos	3		3
Arrogantes	3		3
Avarentos	3		3
Bom vinho		3	3
Complexados	3		3



Empreendedores		3	3
Fechados	3		3
Frios	3		3
Heterogéneos	1	2	3
Imaginativos		3	3
Interesseiros	3		3
Materialistas	1	2	3
Originais		3	3
Religiosos		3	3

A Tabela 4 apresenta os traços considerados comuns aos *angolanos* e aos *portugueses*. Dos 26 traços constantes nesta tabela, quatro são comuns a todos os dicionários, isto é, foram atribuídos a ambos os grupos, tanto por participantes angolanos como por participantes portugueses: *acolhedores*, *simpáticos*, *sociáveis* e *trabalhadores*.

Embora estes traços sejam atribuídos a ambos os grupos, a sua frequência varia em função do grupo-alvo. Aos portugueses são associados preferencialmente traços de instrumentalidade positiva (o traço *trabalhadores* surge 20 vezes associado aos portugueses e apenas 5 vezes associado aos angolanos) enquanto que aos angolanos são associados preferencialmente traços de instrumentalidade negativa (o traço *preguiçosos* surge 8 vezes associado aos angolanos e apenas 2 vezes associado aos portugueses). Em contrapartida, os traços de sociabilidade positiva (*abertos*, *amigáveis*, *comunicativos*, *simpáticos*, *sociáveis*, *solidários*) são associados mais frequentemente aos angolanos e os traços de sociabilidade negativa (*desconfiados*, *falsos*, *racistas*) são mais frequentemente associados aos portugueses.

**Tabela 4 - Traços comuns ao grupo dos angolanos e ao grupo dos portugueses**

Traços comuns	Tang	Tpor	Total
Simpáticos	24	13	37
Trabalhadores	5	20	25
Acolhedores	10	14	24
Racistas	2	20	22
Solidários	11	9	20
Vaidosos	13	7	20
Extrovertidos	15	2	17
Hospitaleiros	4	11	15
Sociáveis	11	4	15
Ambiciosos	5	9	14
Divertidos	8	5	13
Amigáveis	7	4	11
Patrióticos	6	5	11
Tradicionalistas	5	6	11
Humildes	8	2	10
Preguiçosos	8	2	10
Simples	8	2	10
Boa comida	2	6	8
Orgulhosos	6	2	8
Abertos	4	2	6
Capacidade adaptação	4	2	6

Desconfiados	2	4	6
Falsos	2	3	5
Comunicativos	3	2	5
Conformados	2	2	4
Prestáveis	2	2	4

Neste estudo procedemos à organização de seis dicionários descritivos dos *angolanos* e dos *portugueses* com base no vocabulário fornecido livremente pelos participantes. Através da comparação do vocabulário dos diversos dicionários, verificámos que o grupo dos *angolanos* foi descrito de forma mais homogénea do que o grupo dos *portugueses*, tanto por participantes angolanos como portugueses.

As referências à cor da pele foram mais frequentes para caracterizar os angolanos do que para caracterizar os portugueses, o que remete para uma assimetria entre os grupos, uma vez que a cor da pele para os primeiros funciona como estigma que os demarca da sociedade em geral.

A maior diferenciação entre os grupos operou-se ao nível das dimensões subjacentes aos conteúdos que lhe estão associados: sociabilidade positiva, expressividade, exotismo e instrumentalidade negativa para os angolanos; sociabilidade negativa, conservadorismo, dominância e instrumentalidade positiva para os portugueses.

Uma vez analisadas as dimensões de conteúdo subjacentes às representações de cada um dos grupos, resta-nos empreender uma análise mais sistemática para verificar até que ponto estes traços, fornecidos livremente pelos participantes, são percebidos como estereotípicos ou como contra-estereotípicos de cada um dos grupos-alvo. Outro aspecto essencial é averiguar qual a valência avaliativa destes traços a partir da opinião dos participantes.

## Estudo 2 - Avaliação dos conteúdos

No estudo anterior procedemos à análise das dimensões de conteúdo subjacentes às representações dos *angolanos* e dos *portugueses*, e averiguámos o nível de diversidade dos conteúdos associados a cada um dos grupos. Neste estudo, com base numa lista de adjectivos fornecida aos participantes, efectuámos uma análise mais sistemática da estereotipicalidade de cada um dos traços e da sua valência avaliativa a partir da opinião pessoal dos participantes.

Foi constituída uma lista de 80 traços a partir do vocabulário obtido no estudo anterior. A selecção dos traços foi orientada por critérios quantitativos e qualitativos. Foram eliminados todos os traços relativos a características físicas (por exemplo: *negros*) e às

relações entre os sexos (por exemplo: *mulherengos*) e foram efectuadas algumas adaptações do vocabulário.

Participaram neste estudo 50 estudantes angolanos (27 rapazes e 23 raparigas) e 64 estudantes portugueses (28 rapazes e 36 raparigas), com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos (idade média = 21 anos).

As respostas dos participantes foram recolhidas colectivamente em sala de aula. A investigadora apelou à participação dos estudantes num estudo sobre a forma como as pessoas de diferentes culturas se percebem umas às outras. No questionário, os participantes eram confrontados com a lista de 80 traços, sendo-lhes pedido que classificassem cada traço de acordo com a sua opinião pessoal. A mesma lista de traços foi associada a três escalas de 7 pontos: uma para averiguar a estereotipicalidade dos traços em relação aos *angolanos* (1='nada típico dos angolanos'; 7='muito típico dos angolanos'); outra para averiguar a estereotipicalidade dos traços em relação aos *portugueses* (1='nada típico dos portugueses'; 7='muito típico dos portugueses'); e outra para avaliar a valência dos traços (1='muito negativo'; 7='muito positivo'). A ordem dos dois grupos-alvo era contrabalançada, sendo a avaliação da valência dos traços efectuada no final. Por último, eram solicitados dados pessoais: sexo, idade, nacionalidade e naturalidade.

Para classificar os traços em função da sua valência avaliativa e da sua estereotipicalidade, foram efectuados, para cada uma das três escalas, três testes-t testando contra o ponto médio (*test value* = 4): um para os participantes angolanos; outro para os participantes portugueses; e outro considerando a totalidade dos participantes.

Para a escala referente à valência avaliativa dos traços, uma diferença significativa positiva face ao ponto médio indica que esse traço é considerado *positivo*, enquanto que uma diferença significativa *negativa* indica que esse traço é considerado *negativo*. Uma diferença não significativa face ao ponto médio indica que esse traço é considerado *neutro*.

No caso das escalas referentes à estereotipicalidade dos traços, uma diferença significativa positiva em relação ao ponto médio indica que esse traço é considerado *estereotípico* do grupo-alvo em questão, enquanto que uma diferença significativa negativa indica que esse traço é considerado *contra-estereotípico* do grupo-alvo em questão. Uma diferença não significativa face ao ponto médio indica que esse traço não é considerado relevante para caracterizar o grupo em questão.

Uma vez classificados os traços, verificámos se existia consenso entre participantes angolanos e portugueses relativamente à forma de classificação. De um modo geral, verificou-se um grande consenso quanto à valência avaliativa dos traços: dos 80 traços apresentados, 43

foram considerados *positivos* por ambos os grupos, 23 foram considerados negativos, 8 foram considerados neutros, tendo-se verificado divergência de avaliação relativamente a 6 traços.

A Tabela 5 apresenta os traços considerados *estereotípicos dos angolanos*. Destes 34 traços apenas seis não reúnem consenso entre os participantes angolanos e portugueses. De notar que os angolanos reivindicam para o seu grupo todos os traços positivos ligados à expressividade, sociabilidade e solidariedade, recusando todos os traços negativos. Por seu turno, os portugueses atribuem aos angolanos os traços positivos ligados à expressividade, sociabilidade e exotismo, não lhes atribuindo nenhum traço negativo.

**Tabela 5 - Traços considerados estereotípicos dos angolanos em função do grupo dos participantes**

Traços típicos dos angolanos	+/-	Participantes angolanos	Traços típicos dos angolanos	+/-	Participantes portugueses
Alegres	+	6.40	Cheios de ritmo	+	5.64
Festivos	+	6.36	Festivos	+	5.59
Vaidosos	+	6.20	Nacionalistas	+	5.45
Cheios de ritmo	+	6.12	Unidos	+	5.44
Forte ligação à família	+	6.10	Bem dispostos	+	5.38
Calorosos	+	6.08	Musicais	+	5.35
Divertidos	+	6.08	Bem humorados	+	5.33
Sociáveis	+	6.08	Forte ligação à família	+	5.31
Acolhedores	+	6.06	Alegres	+	5.29
Simpáticos	+	6.02	Simples	+	5.29
Hospitais	+	5.94	Emotivos	+	5.24
Amantes do prazer	+	5.92	Patrióticos	+	5.24
Bem dispostos	+	5.92	Amigáveis	+	5.23
Amigáveis	+	5.76	Lutadores	+	5.14
Receptivos	+	5.68	Espírito de camaradagem	+	5.09
Musicais	+	5.67	Divertidos	+	5.02
Bem humorados	+	5.64	Solidários	+	4.95
Comunicativos	+	5.56	Calorosos	+	4.94
Extrovertidos	+	5.48	Simpáticos	+	4.85
Emotivos		5.44	Sociáveis	+	4.84
Capacidade de adaptação	+	5.41	Hospitais	+	4.77
Orgulhosos		5.32	Religiosos	+	4.73
Solidários	+	5.28	Receptivos	+	4.66
Espírito de camaradagem	+	5.22	Espontâneos	+	4.63
Ostentosos	+	5.20	Amantes do prazer	+	4.60
Aventureiros	+	5.10	Acolhedores	+	4.55
Espontâneos	+	5.04	Orgulhosos	+	4.55
Sensuais	+	5.04	Comunicativos	+	4.52
Religiosos	+	5.02	Extrovertidos	+	4.51
Nacionalistas	+	4.96	Capacidade de adaptação	+	4.30*
Patrióticos	+	4.88	Aventureiros	+	4.27*
Lutadores	+	4.80	Sensuais	+	4.11*
Unidos	+	4.65	Vaidosos		3.42**
Simples	+	4.24*	Ostentosos		3.38**

Escala 1=‘nada típico dos angolanos’; 7=‘muito típico dos angolanos’.

Legenda: \*estes valores não diferem significativamente do ponto médio; \*\*estes valores diferem significativamente do ponto médio, mas no sentido oposto (traços contra-estereotípicos).

Avaliação dos traços: (+) positivos; (-) negativos.

A Tabela 6 apresenta os traços *estereotípicos dos portugueses*. Destes 36 traços apenas 17 reúnem consenso entre os participantes de ambos os grupos. Aos *portugueses* são atribuídos traços positivos e negativos, sendo estes últimos mais frequentemente atribuídos pelos participantes angolanos. De um modo geral, os portugueses são descritos através de traços ligados à instrumentalidade positiva (*trabalhadores, empreendedores, dinâmicos*). Quanto à dimensão de sociabilidade verifica-se uma predominância de traços positivos (*acolhedores, amigáveis, divertidos, etc.*) face aos negativos (*desconfiados, individualistas*).

**Tabela 6 - Traços considerados estereotípicos dos portugueses em função do grupo dos participantes**

Traços típicos dos portugueses	+/-	Participantes angolanos	Traços típicos dos portugueses	+/-	Participantes portugueses
Religiosos	+	5.61	Forte ligação à família	+	6.84
Materialistas		5.55	Religiosos	+	5.80
Ambiciosos	+	5.34	Hospitaleiros	+	5.66
Orgulhosos		5.20	Simpáticos	+	5.63
Trabalhadores	+	5.20	Acolhedores	+	5.56
Vaidosos		5.20	Nacionalistas	+	5.50
Empreendedores	+	5.14	Bem dispostos	+	5.47
Aventureiros	+	5.04	Empreendedores	+	5.47
Desconfiados	-	5.02	Patrióticos	+	5.47
Individualistas	-	5.02	Amigáveis	+	5.46
Nacionalistas	+	4.96	Sociáveis	+	5.45
Saudosistas		4.88	Festivos	+	5.40
Desportivos	+	4.82	Bem humorados	+	5.38
Patrióticos	+	4.80	Orgulhosos		5.38
Românticos	+	4.74	Sensíveis	+	5.34
Lutadores	+	4.68	Simple	+	5.30
Dinâmicos	+	4.42	Saudosistas	+	5.29
Sensíveis	+	4.42	Trabalhadores	+	5.27
Inteligentes	+	4.30*	Amantes do prazer	+	5.25
Amantes do prazer	+	4.24*	Emotivos		5.25
Amigáveis	+	4.00*	Dinâmicos	+	5.23
Emotivos		3.98*	Divertidos	+	5.20
Sociáveis	+	3.86*	Românticos	+	5.20
Alegres	+	3.84*	Alegres	+	5.16
Bem humorados	+	3.84*	Honestos	+	5.14
Honestos	+	3.84*	Calorosos	+	5.11
Simpáticos	+	3.78*	Humildes	+	5.11
Bem dispostos	+	3.66*	Inteligentes	+	5.11
Humildes	+	3.66*	Lutadores	+	5.09
Hospitaleiros	+	3.62*	Ambiciosos		5.08
Forte ligação à família	+	3.60*	Desportivos	+	5.02
Acolhedores	+	3.58*	Aventureiros	+	4.95
Festivos	+	3.56**	Materialistas		4.86
Divertidos	+	3.55**	Vaidosos		4.79
Calorosos	+	3.42**	Individualistas	-	4.42
Simple	+	3.38**	Desconfiados	-	4.27*

Escala 1=‘nada típico dos portugueses’; 7=‘muito típico dos portugueses’.

\*estes valores não diferem significativamente do ponto médio; \*\*estes valores diferem significativamente do ponto médio, mas no sentido oposto (traços contra-estereotípicos).

contra-estereotípicos). Avaliação dos traços: (+) positivos; (-) negativos.

Comparando o estereótipo dos *portugueses* com o dos *angolanos*, constatamos que o estereótipo dos portugueses é menos consensual e menos marcado: as médias de estereotipicalidade dos traços consensuais dos portugueses são muito mais baixas do que as médias dos traços consensuais dos angolanos. A segunda constatação diz respeito à valência: o estereótipo dos angolanos reúne apenas traços positivos, enquanto que o estereótipo dos portugueses reúne também traços negativos, especialmente quando consideramos as respostas dos participantes angolanos. Por último, verificamos que o estereótipo dos angolanos reúne essencialmente traços ligados à expressividade, sociabilidade, solidariedade e exotismo, enquanto que o estereótipo dos portugueses apresenta essencialmente traços ligados à instrumentalidade positiva e traços de sociabilidade positiva e negativa. Estes dados vão ao encontro dos já evidenciados no estudo anterior.

Assim, aparentemente, os participantes angolanos apresentam um nível superior de etnocentrismo do que os participantes portugueses, pois reivindicam para o seu grupo apenas traços positivos, sobretudo os ligados à expressividade e à sociabilidade, enquanto que negam esses mesmos traços aos portugueses. Em contrapartida, os portugueses apenas negam aos angolanos os traços positivos ligados à instrumentalidade, que reivindicam para o seu grupo.

A manifestação de favoritismo por parte dos participantes angolanos pode estar ligada à reivindicação de uma identidade positiva que é ameaçada pelo exterior. Por seu turno, a ausência de manifestação de favoritismo da parte dos portugueses pode estar ligada à preocupação de não manifestar preconceitos, mas também pode estar ligada simplesmente ao facto de os participantes responderem em duas escalas independentes.

Até que ponto este padrão de resultados se manterá se os estereótipos forem avaliados de forma interdependente, isto é, através de uma única escala em que os traços sejam atribuídos a um grupo ou ao outro? Qual o significado destes traços tendo como referente o modelo ‘universal’ de pessoa? São estas as questões que vamos averiguar no próximo estudo.

### **Estudo 3 - Significados dos conteúdos**

Neste estudo foi utilizada a mesma lista de 80 traços que no estudo anterior, mas o procedimento foi algo diferente. No estudo anterior, os participantes avaliaram os traços em função da sua opinião pessoal enquanto que neste os participantes procederam à avaliação dos traços tendo como referência o modelo de adulto na nossa sociedade (e.g., Amâncio, 1989).

Participaram neste estudo 32 estudantes angolanos (21 rapazes e 11 raparigas) e 49 estudantes portugueses (10 rapazes e 39 raparigas), com idades compreendidas entre os 19 e os 26 anos (idade média = 22 anos).

As respostas dos participantes foram recolhidas colectivamente em sala de aula. A investigadora apelou à participação dos estudantes num estudo sobre a forma como as pessoas de diferentes culturas se percebem umas às outras. No questionário, os participantes eram confrontados com a lista de 80 traços, que era associada a duas escalas de 7 pontos: uma para averiguar a estereotipicalidade de cada traço (1='muito típico dos angolanos'; 2='moderadamente típico dos angolanos'; 3='ligeiramente típico dos angolanos'; 4='igualmente típico dos angolanos e dos portugueses'; 5='ligeiramente típico dos portugueses'; 6='moderadamente típico dos portugueses'; 7='muito típico dos portugueses'); e outra para avaliar cada traço tendo em conta o modelo de pessoa adulta na sociedade portuguesa (1='muito negativo'; 7='muito positivo'). A ordem das duas escalas era contrabalançada. No final, eram solicitados dados pessoais: sexo, idade, nacionalidade e naturalidade.

Tal como no Estudo 2, para cada escala foram efectuados três testes-t testando contra o ponto médio (*test value* = 4): um para os participantes angolanos; outro para os participantes portugueses; e outro considerando a totalidade dos participantes.

No caso da escala referente ao significado avaliativo dos traços (1='muito negativo'; 7='muito positivo'), uma diferença significativa positiva indica que esse traço é considerado *qualidade*, enquanto que uma diferença significativa negativa indica que esse traço é considerado *defeito*. Uma diferença não significativa face ao ponto médio indica que esse traço é considerado neutro.

No caso da escala referente à estereotipicalidade dos traços (1='muito típico dos angolanos'; 7= 'muito típico dos portugueses'), uma diferença significativa positiva em relação ao ponto médio da escala indica que esse traço é *estereotípico dos portugueses*, enquanto que uma diferença significativa negativa indica que esse traço é *estereotípico dos angolanos*. Uma diferença não significativa face ao ponto médio indica que esse traço não é considerado relevante para diferenciar os dois grupos-alvo em questão.

Tal como no estudo anterior, verifica-se um grande consenso entre participantes angolanos e portugueses quanto ao significado avaliativo dos traços apresentados, mas a lista dos traços positivos diminuiu de 43 para 33, o que significa um maior grau de exigência relativamente aos traços que são considerados *qualidades* tendo como referente o modelo de adulto. Alguns dos traços ligados à expressividade e à sociabilidade são vistos de forma

menos positiva, enquanto que os traços ligados à instrumentalidade vêm reforçada a sua positividade. A lista de traços negativos é muito semelhante à anterior, o que significa que a opinião pessoal dos participantes coincide com a avaliação que é efectuada tendo em conta o universo comum de valores.

A Tabela 3 apresenta os traços *estereotípicos dos angolanos*. Comparando com o estudo anterior podemos constatar que a lista é muito mais reduzida: 15 em vez de 34 traços. Dos 15 traços apenas três reúnem consenso entre os participantes angolanos e portugueses: *alegres*, *cheios de ritmo* e *humildes*. Contrariamente ao estudo anterior, esta lista apresenta traços negativos: *agressivos*, *conflituosos*, *ignorantes*, *preguiçosos* e *supersticiosos*.

Assim, verificamos que a simples mudança de estratégia de recolha de dados - uma escala interdependente em vez de duas escalas independentes - provocou uma mudança bastante significativa nos resultados: o estereótipo dos angolanos continua a incluir traços positivos ligados à expressividade e sociabilidade positiva, mas passa a incluir também traços negativos ligados à fraca instrumentalidade (*ignorantes*, *preguiçosos*) e à sociabilidade negativa (*agressivos*, *conflituosos*).

**Tabela 7 - Traços considerados estereotípicos dos angolanos em função do grupo dos participantes**

Traços típicos dos angolanos	+/-	Participantes angolanos	Traços típicos dos angolanos	+/-	Participantes portugueses
Cheios de ritmo		2.00	Cheios de ritmo		2.83
Acolhedores	+	2.10	Alegres	+	2.96
Simple	+	2.59	Humildes		2.96
Preguiçosos	-	2.66	Musicais		3.71*
Supersticiosos	-	2.66	Agressivos	-	3.88*
Musicais		2.76	Conflituosos	-	3.88*
Calorosos	+	2.79	Supersticiosos	-	3.96*
Conflituosos	-	2.79	Preguiçosos	-	3.98*
Humildes		2.76	Impulsivos		4.00*
Alegres	+	2.86	Simple	+	4.00*
Agressivos	-	2.86	Sociáveis	+	4.00*
Solidários	+	2.86	Solidários	+	4.10*
Sociáveis	+	2.90	Calorosos	+	4.18*
Sensuais		2.93	Sensuais		4.69**
Impulsivos		3.00	Acolhedores	+	4.78**

Escala: 1='muito típico dos angolanos'; 7='muito típico dos portugueses'.

Legenda: \*estes valores não diferem significativamente do ponto médio; \*\*estes valores diferem significativamente do ponto médio, mas no sentido oposto (traços contra-estereotípicos).

Significado dos traços: (+) qualidades; (-) defeitos.

A Tabela 8 apresenta os traços estereotípicos dos portugueses. Comparando com o estudo anterior podemos constatar que a lista é muito mais reduzida: 10 traços em vez de 36.



Destes 10 traços, apenas 4 reúnem consenso entre os participantes angolanos e portugueses: *ambiciosos, empreendedores, racistas e trabalhadores*.

Quando comparamos estes resultados com os do estudo anterior verificamos que alguns aspectos se mantêm enquanto outros se alteram significativamente. No que diz respeito ao consenso e à força dos estereótipos, constatamos que o estereótipo dos *portugueses* continua a ser menos consensual e menos marcado do que o estereótipo dos *angolanos*, embora a diferença seja muito mais esbatida.

Tal como no estudo anterior, o estereótipo dos *angolanos* reúne essencialmente traços ligados à expressividade e sociabilidade positiva, mas também passou a incluir traços ligados à fraca instrumentalidade e à sociabilidade negativa. A diferença mais significativa diz respeito à valência avaliativa do estereótipo dos *angolanos*: enquanto que no estudo anterior o estereótipo dos *angolanos* reúne apenas traços positivos, neste inclui também traços negativos, sobretudo quando consideramos as respostas dos próprios participantes angolanos.

**Tabela 8 - Traços considerados estereotípicos dos portugueses em função do grupo dos participantes**

Traços típicos dos portugueses	+/-	Participantes angolanos	Traços típicos dos portugueses	+/-	Participantes portugueses
Racistas	-	5.52	Trabalhadores	+	5.24
Invejosos	-	5.34	Hospitais	+	5.16
Trabalhadores	+	5.34	Ambiciosos		5.10
Empreendedores	-	5.31	Empreendedores	+	4.76
Egoístas	-	5.17	Racistas	-	4.51
Ambiciosos		5.14	Cínicos	-	4.20*
Antipáticos	-	5.10	Egoístas	-	4.18*
Avarentos	-	5.07	Avarentos	-	4.14*
Cínicos	-	5.07	Invejosos	-	4.14*
Hospitais	+	3.38**	Antipáticos	-	4.04*

Escala: 1='muito típico dos angolanos'; 7='muito típico dos portugueses'.

\*estes valores não diferem significativamente do ponto médio; \*\*estes valores diferem significativamente do ponto médio, mas no sentido oposto (traços contra-estereotípicos).

Significado dos traços: (+) qualidades; (-) defeitos.

## Discussão

Nos três estudos aqui apresentados analisámos os auto- e hetero-estereótipos dos jovens *portugueses* e dos *angolanos* residentes em Portugal. No Estudo 1, através das respostas espontâneas dos participantes, verificámos que os *angolanos* foram descritos de forma mais homogênea os *portugueses*, isto é, verificou-se um menor consenso na representação do grupo dos portugueses do que no grupo dos angolanos.

Comparando as dimensões de conteúdo atribuídas exclusivamente a cada um dos grupos, verificámos que aos angolanos foram associados traços remetendo para a coesão grupal, a submissão e o estatuto de vítima de discriminação, enquanto que aos portugueses foram associados traços remetendo para a autonomia, a independência, a dominância e o estatuto de agente de discriminação. Verifica-se, assim, um paralelismo entre a forma como os angolanos e os portugueses são caracterizados neste estudo e o observado noutros estudos na caracterização de grupos que ocupam posições socialmente assimétricas (e.g., Chombart de Lauwe, 1983-1984; Guillaumin, 1992).

De salientar ainda que as referências à cor da pele foram mais frequentes para caracterizar os angolanos do que para caracterizar os portugueses, o que remete para uma assimetria entre os grupos, uma vez que a cor da pele para os primeiros funciona como estigma que os demarca da sociedade em geral. Este resultado ilustra a forte associação entre nacionalidade e cor da pele, que não são consideradas pelos participantes como dimensões independentes: *angolano, logo negro*.

Tal como esperávamos, a maior diferenciação entre os grupos operou-se ao nível das dimensões subjacentes aos conteúdos que lhe estão associados: sociabilidade positiva, expressividade, exotismo e instrumentalidade negativa para os angolanos; sociabilidade negativa, conservadorismo, dominância e instrumentalidade positiva para os portugueses.

No Estudo 2, analisámos de forma mais sistemática a estereotipicalidade de um conjunto de traços relativamente ao grupo dos *angolanos* e ao grupo dos *portugueses*, através de duas escalas independentes, e averiguámos a sua valência avaliativa a partir da opinião pessoal dos participantes. Da comparação dos estereótipos referentes aos dois grupos-alvo ressaltaram três diferenças fundamentais. A primeira diz respeito à *consensualidade*: o estereótipo dos portugueses é menos consensual do que o estereótipo dos angolanos. A segunda diz respeito à *valência*: o estereótipo dos angolanos reúne apenas traços ‘positivos’ enquanto que o estereótipo dos portugueses reúne também traços ‘negativos’. Por último, verifica-se uma diferenciação ao nível do *conteúdo*: o estereótipo dos angolanos reúne predominantemente traços ligados à expressividade, sociabilidade positiva, solidariedade e exotismo, enquanto que o estereótipo dos portugueses apresenta essencialmente traços ligados à instrumentalidade positiva e traços de sociabilidade positiva e negativa.

No Estudo 3, analisámos a estereotipicalidade dos traços relativamente ao grupo dos *angolanos* e ao grupo dos *portugueses*, através de uma escala interdependente, e averiguámos o significado dos traços tendo como referente o modelo ‘universal’ de pessoa. O grau de consenso observado relativamente ao significado dos traços permitiu-nos concluir que tanto

os participantes angolanos como os participantes portugueses reconhecem um universo comum de valores que passa pela valorização da pessoa adulta caracterizada por traços de instrumentalidade e sociabilidade positivas (Amâncio, 1989). No que diz respeito ao conteúdo dos estereótipos, verificámos que o estereótipo dos angolanos passou a incluir também traços ligados à fraca instrumentalidade e à sociabilidade negativa, e que o estereótipo dos portugueses continua a ser menos consensual do que o dos angolanos.

Os resultados destes três estudos demonstram que a diferenciação entre os grupos não se opera ao nível da valência avaliativa dos conteúdos associados a cada grupo (ambos são descritos com traços predominantemente positivos), mas ao nível das dimensões subjacentes a esses conteúdos e do seu significado tendo como referente a imagem ‘universal’ de pessoa. O estereótipo dos portugueses aproxima-se mais do modelo de pessoa ‘adulta’ enquanto que o estereótipo dos angolanos se aproxima mais do modelo de pessoa ‘jovem’. Sendo os participantes nestes estudos jovens e vivendo numa época em que existe uma clara valorização social dos traços ‘juvenis’, o estereótipo dos angolanos foi avaliado mais positivamente do que o estereótipo dos portugueses, sobretudo quando essa avaliação foi efectuada tendo em conta a opinião pessoal dos participantes.

De um modo geral, observámos que o estereótipo dos angolanos é mais consensual e mais ‘positivo’ do que o estereótipo dos portugueses. No entanto, o estereótipo dos angolanos torna-se menos ‘positivo’ quando temos em consideração o referente ‘universal’ de pessoa ao passo que o estereótipo português se torna mais ‘positivo’, uma vez que está mais próximo do modelo de pessoa autónoma, com capacidade de realização e de decisão.

Se é inegável que se registou uma evolução no conteúdo dos estereótipos - os membros do grupo dominante evitam caracterizar os membros do grupo dominado com traços muito negativos e, em alguns casos, caracterizam-nos com traços mais positivos do que o próprio grupo - esta transformação opera-se a um nível superficial e não a um nível profundo. De facto, esta metamorfose em que a xenofobia parece ter dado lugar à xenofilia (o culto do exótico, por exemplo, Taguieff, 1987) esconde uma flagrante permanência: as dimensões mais valorizadas nas sociedades ocidentais (autonomia, individualidade, competência, responsabilidade) continuam a ser negadas ao grupo dominado. A manutenção dos significados associados aos estereótipos torna-se particularmente evidente quando consideramos as dimensões de conteúdo exclusivas de cada grupo: a instrumentalidade para o grupo dominante e a expressividade e o exotismo para o grupo dominado.

Outro aspecto a salientar diz respeito aos papéis que são atribuídos a cada um dos grupos: enquanto ao grupo dominante são associados traços que remetem para um papel

*activo* na sociedade (trabalhadores, empreendedores, etc.), ao grupo dominado são associados traços que remetem para um papel *decorativo* ou *lúdico* (cheios de ritmo, musicais, etc.). Este papel lúdico atribuído aos angolanos constitui também uma forma de permanência, se o virmos à luz das representações do ‘negro’ durante o período do colonialismo (e.g., Cabecinhas e Cunha, 2003). Assim, o predomínio de traços juvenis e exóticos nos angolanos, que os limita a um papel *lúdico*, denuncia a permanência da oposição entre a alegada ‘especificidade’ destes e a suposta ‘universalidade’ de portugueses.

## Referências

- Amâncio, L. (1989). *Factores Psicossociológicos da Discriminação da Mulher no Trabalho*. Tese de Doutoramento. Lisboa: ISCTE.
- Cabecinhas, R. (2002). *Racismo e etnicidade em Portugal: Uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. Dissertação de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.
- Cabecinhas, R., e Amâncio, L. (1999). Asymmetries in the perception of other as a function of social position and context. *Swiss Journal of Psychology*, 58, 40-50.
- Cabecinhas, R., & Cunha, L. (2003). Colonialismo, identidade nacional e representações do 'negro'. *Estudos do Século XX*, 3, 157-184.
- Chombart de Luawe, M.-J. (1983-1984). La représentaton des catégories sociales dominées, rôle social, intériorisation. *Bulletin de Psychologie*, 37, 877-886.
- Deschamps, J.-C. (1982). Social identity and relations of power between groups. In H. Tajfel (Ed.). *Social identity and intergroup relations* (pp. 85-98). Cambridge: Cambridge University Press.
- Guillaumin, C. (1992). *Sexe, Race et Pratique du Pouvoir: L'idée de Nature*. Paris: Côté-femmes.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1988). *Individus dominants et groups dominés. Images masculines et féminines*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Saint-Maurice, A. (1997). *Identidades reconstruídas. Cabo-verdianos em Portugal*. Oeiras: Celta.
- Taguieff, P.-A. (1997). *Le racisme. Un exposé pour comprendre. Un essai pour réfléchir*. Paris: Flammarion.
- Tajfel, H. (1981/1983). *Grupos humanos e categorias sociais* (Vol. 1 e 2). Lisboa: Livros Horizonte.
- Vala, J. (Org.) (1999). *Novos Racismos: Perspectivas comparativas*. Oeiras: Celta.